

# UNIÃO FIGUEIROENSE

Orgão do Centro Democratico Dr. Affonso Costa

**PUBLICAÇÕES**

Communicados e annuncios contendo accusações a particulares ou relativos á vida privada dos cidadãos não se publicam.  
Composto e impresso nas officinas da UNIÃO FIGUEIROENSE.  
Redacção e Administração  
Rua Luiz Quaresma Val do Rio

**DIRECTOR — Alfredo Simões Pimenta**

Editor — Alfredo Lencastre e Barros

Administrador e proprietario — José Miguel Fernandes David

**ASSIGNATURAS**

Annuncios por cada linha 40 réis, repetições	20
Anno, pagamento adeantado	12000
Semestre	6000
Brazil (moeda forte)	25000
Africa	12000
Numero avulso.	30

## Avante, portuguezes!

Fervem ameaçadoras as coleras, trovejам esmagadoras as criticas, rugem furibundas as affrontas movidas pela imprensa reaccionaria hespanhola, contra a integridade da nossa Republica.

N'uma crepitante erupção de odios e indignações, a imprensa reaccionaria hespanhola, timbra com toda a sua alma de retincto jesuitismo, para incensar e defender a causa monarchista de Portugal, levando bem longe o torvelinho das suas manobras politicas.

Ameaçando a estabilidade da nossa nacionalidade, pondo em sobresalto a tranquillidade do nosso povo, atacando de frente a nossa pobre Republica, ella evidencia com o maior desprante, nos burilados linguísticos com que orna as columnas dos seus jornaes, o desejo pouco brioso e parasitario de collocar sob a sua autonomia os destinos da nossa querida Patria.

Alegando direitos historicos irrisorios, inconciliaveis, não só pretendem obstruir a marcha gloriosa do nosso paiz, mas tambem esperar a oportunidade do momento para engalfinhar a nossa nação e integra-la na sua.

Para isso filiam os seus direitos na tendenciosa ethnographia dos dois povos oriundos da mesma arvore genealogica, appellam para a afinidade do idioma, para a proximidade geographica, para o passado historico, para o parallelismo politico, e ainda para outras cousas que provocam a liberdade e incendem ao mesmo tempo a indignação.

N'uma lucta ingloria e desprestigiadora, sustentou outr'ora a Hespanha immensas guerras com Portugal, tendo em mira a conquista do nosso paiz; mas as suas pretensões conquistadoras foram sempre repellidas com denodo e brilhantismo pelos nossos heroes. Só em 1589, como o nosso patriotismo fracassasse a sua vontade foi comprazida.

Mas, decorridos 59 annos, um pequeno grupo de heroes que a historia patria condignamente glorifica, accommetidos d'uma verdadeira indignação revolucionaria, fizeram desmoronar com ardença a supremacia de Castilla.

O resurgimento nacional de 1640 foi uma lição eloquente e memoravel para os senhores de Hespanha, que viram n'ella a soberba revivescencia do antigo heroismo portuguez.

A Hespanha, ferida no seu magososo orgulho de poderosissima leão, alta neiramente emboscada nas serranias asturianas, tentou retemperar as energias na soberba prosapia dos seus varões e, contando certa a victoria, investiu mais uma vez contra a nossa soberania.

O patriotismo — essa palavra tão bella e sonora, que encanta, arrasta, seduz e prende, teve mais força da nossa parte para os vencer, que as bocas fumegantes dos seus canhões de bronze, para nos vencer a nós.

As celebres batalhas das Linhas d'Elvas, Castello Rodrigo e Montes Claros são focos de luz, que ficaram nos campos epicos da historia patria, alumando a gloria dos nossos feitos para sempre eternos e saudosos.

A Hespanha vencida recuou, e nos tristes designios d'essas desventuradas pelejas, viu brilhar como relampagos electricos em noite caliginosa, o triumpho do nosso povo invencivel.

Rememoremos, pois, com satisfação, n'esta hora amarga, as tremendas lições que os nossos heroes infligiram através da historia ao povo visinho, sempre prompto a baixar os seus vãos d'agua sobre os arraiaes da nossa Patria.

E, se o momento realmente é de perigo, saibamos reunir as nossas energias, avigorar o nosso patriotismo, fortalecer o nosso poder, para conseguirmos domar o gigante que ruga ameaçador alem da fronteira.

Basta de complacencias, a estabilidade da nossa segurança nacional, a santa tranquillidade do nosso povo, exigem sem delongas uma prevenção, requerem sem tardar uma desforra.

Poderiamos admitir, dada a oppor-tunidade d'um momento tragico, ou d'uma hora fatal, que os selvagens dos sertões africanos, em esquadras de flotilhas, transpuzessem o Atlantico para virem assentar os seus arraiaes no nosso paiz, mas nunca poderiamos admitir que o povo alem da fronteira avançasse um só curto passo para conquistar a nossa autonomia.

Temos soffrido com paciente resignação toda a casta de desconsiderações que o governo de Hespanha nos tem feito.

E nós, de braços cruzados, immoveis e silenciosos, sempre na defensiva.

Mas se, desgraçadamente, nós jornalistas, nós portuguezes, nós democratas, nós insultados, não podemos lançar abertamente os nossos justos protestos de revolta!

Que fazer, senhores?...

A Hespanha impera. Portugal curva a serviz.

A liberdade de imprensa, a expansão do pensamento, dentro dos sagrados moldes da lei, da ordem e da justiça, nunca podem ser tolhidas.

O verberar a Hespanha, depois de tanta affronta recebida, não constitue um insulto, mas sim um patriótico desabafo, uma dignidade brisa.

Temos sido benevolos de mais, e a nossa impotencia tem sido commentada com forte desdém pela Europa, que vê na nossa attitude a impunidade da attitude aggressora do paiz visinho.

Mas se a nós não nos for possível a defeza, que fazer? que fazer, pergunto eu?

A auctoridade, em vez de fortalecer com o seu apoio o papel grandioso des empenhado pelos jornalistas n'estes revezes nacionaes, persegue os encarnadamente, aprehende lhes os jornaes, e até parece, longe vá o agouro, ajudar o inimigo nas suas manobras.

Mãos á obra, mãos á obra, jornalistas portuguezes: e, antes que as nossas cabeças tenham que ser penduradas n'uma forca, ou degoladas n'uma guilhotina, por defendermos lealmente a nossa Republica e combatermos com a denodada coragem a inimiga que ruga furiosa para nos avassalar, nunca deixemos de fazer vibrar com vehemencia, com altivez, nas columnas dos nossos jornaes, a indignação que nos vac na alma.

Somos livres e queremos continuar a ser; o nosso patriotismo vale mais que a sua artilharia, que as suas esquadras e que os seus exercitos.

Basta de complacencias.  
Coragem, portuguezes!!  
E avante...

Gracil Olinó.

## ECHOS

### Os laes «amigos» do povo

O orgão da evolução capachista vinha ha tempo lamuriando umas lerias a respeito do mau anno agricola que estamos atravessando. E' claro que as suas lamurias eram simplesmente para o povo ver... Bem se importam elles com a desgraça alheia!

Podiamos mostrar muitas provas d'isso, se quizessemos, para pôr a descoberto mais uma vez a perversidade de certos «amalgões» que para ahí andam a insinuar-se de amigos do povo.

Bonitas palavras têm elles, não haja duvida, mas os factos não correspondem ao seu palavreado. E se não vejamos:

E' sabido por toda a gente que o milho n'este concelho, constitue o maior e melhor alimento do povo e que está por um preço elevadissimo, ameaçando subir. Nos ultimos mercados da villa chegou a vender-se a 650 reis cada medida de 14 litros!... N'uma região, onde a vida é carissima e a pobreza é quasi extrema, este facto demonstra bem a necessidade que têm os povos de merecer por parte dos poderes publicos a melhor das suas attentões.

Pois a camara da presidencia do sr. Antonio d'Azevedo Lopes Serra, a quem compete a vigilancia especial de velar pelos direitos dos seus concidadãos, nada reclamou em favor do povo, para que este, que tudo paga, em vez de comar o milho barato, o esteja consumindo por altos preços!

Dezenas de camaras pediram e obtiveram facilmente do governo grandes quantidades de milho para ser vendido ao preço de 420 reis o atqueire.

Para Figueiró não veio sequer um grão!

Sabem porque?

E aqui é que está a immoralidade do caso, a alta pouca vergonha dos tais «amigos» do povo.

E' que, se o governo enviasse para aqui milho barato, os srs. armazenistas de cereaes e outros proprietarios que vendem o milho pela hora da morte, teriam necessariamente de soffrer uma baixa nas suas vendas!

Outro tanto acontece com os ovos que são agambareados na praça pela fabrica de pão de ló, para depois os revender pelo preço que quer.

O pão manufacturado é simplesmente uma vergonha: carissimo, podre e mal feito. Não tem pezo, nem conta, nem medida!

Infeliz povo! Desgraçada terra!

### O novo governador civil

Com a epigrapha com que encimamos este «echo», creveria no seu ultimo numero o nosso collega «Leiria Illustrada», orgão do partido democratico do districto:

« Não conhecemos pessoalmente o magistrado, que vem tomar conta da direcção suprema dos serviços administrativos do nosso districto. Informam-nos, porém, que ha de fazer bom logar, difficil sem duvida, por se tratar d'um governo de concentração.

O criterio e bom senso, qualidades que nos dizem possuir s. ex.ª, não de triumphar de todas as difficuldades. Pela nossa parte encontrará o novo magistrado b.a vontade em desfazer atriectos, que porventura, venham a criar-se.

Embora filiados n'um dos partidos politicos, o democratico, temos fundadas esperanças de que a nossa collaboração a ninguém collocará mal por facciosismo. Os nossos correligionarios, creia s. ex.ª, estão de tal fôrma identificados com a nossa conducta, que jamais se anteporão á justiça que a todos assiste dentro da Republica. Não exigem elles, não queremos nós, senão que o poder seja partilhado por todos os que porfiam em bem servir a nação e a Republica. E' esta a nossa divisa — pela patria e pela Republica.

Cumprimentos s. ex.ª »

— Bate certo, não só em Figueiró, como tambem por esse districto fóra, o que querem os republicanos é uma administração honesta dos dinheiros do povo. Para isso exige-se uma fiscalisação a valer, por parte dos grupos militantes.

Existem aqui dois grupos, affonistas e almeidaceos; estes ultimos são aquellos que, durante mais de trinta annos, fizeram dos dinheiros do povo fatias de compadres. Pois, não obstante este facto, a elles entregou todos os poderes esse governador civil de ruim memoria, que se chama Ignacio Verissimo d'Azevedo e que toda a sua vida levou a dar a sua palavra d'honra de... Verissimo n'um balcão de relojoeiro!

### O jogo no club

Agora que este assumpto se tem debatido largamente na imprensa da capital, cumpre-nos dizer alguma coisa sobre o que pensamos a respeito do jogo d'azar. E' um dos nocivos males de que enferma a sociedade dos povos cultos.

Como instrumento de desmoralisação, não pode haver outro que mais corrompa os homens. O jogo leva aos crimes da peor especie; não ha consciencia que se não macule á batota e que, mercê dos seus effeitos, não resorra muitas vezes á perfidia e a outros actos menos regulares da vida social. O jogador é um ladrão, que substitue a navalha e a gazua pelas arteirices da arte de jogar. Dêem-lhe as voltas que quizerem, que o jogo, para nós, não passa de um roubo. Regularizado, ou não, é um roubo, e dos mais prejudiciaes, porque não só o que rouba, como tambem o roubado, se desmoralizam nas mezas de tavolagem, esquecendo os seus deveres como chefes de familia, usando e abusando de um vicio que faz correr as lagrimas no seu lar!

O jogo propriamente dito constitue um «modus vivendi», em que só tem a lucrar aquelle que o explora convenientemente.

Há tambem o «joguinho em familia», de menos ruins effeitos, mas tambem perniciosos. Esse é o que se exerce nos clubs, centros, e outros meios associativos onde apparecem sempre os «pacovios». Onde não houver «tangos», não ha jogos, senão os que são consentidos como divertimentos e que são jogos de rasa.

Outros ha que, embora classificados de azar, como o «marimbo», o «burro americano», o «bleuff», e tantos outros, podem considerar-se como divertimentos, quando jogados a b.ixo preço, em logares onde os jogadores sejam pessoas de mutua confiança.

Ora em Figueiró, como quasi em toda a parte, joga-se, a pretexto de divertimento, o «burro americano» no club. Nada diriamos a este respeito, se um dos jogadores mais desenfreados não fosse o proprio administrador do concelho que, ao que nos consta, tem exhibido ao jogo as scenas mais grotescas. Ainda o outro dia se ouviu na rua uma discussão acalorada entre jogadores. Sabemos que se perdem ali sommas avultadas: aos dez e vinte mil reis!

Já não é uma simples brincadeira, já pode ser um meio de ruina e até de mais alguma coisa... E' preciso que se não jogue n'estas condições.

Antigamente, o jogo não passava de um simples passa tempo dos socios do Club, hoje vai mais alem — enquanto uns saem, altas horas, para sua casa n'um constrangimento de nervos, outros vão deitar-se impando de contentes!

Não pode ser, poiham lá termo a isso.

## AO POVO

### Promessas religiosas

Numas terras mais do que n'outras ellas estão em voga. Em terras diversas, diversas são por vezes as promessas e da mesma maneira o seu cumprimento. Respeitemos a crença, absurda por vezes em nossa opinião, exponhamos franca e lealmente quaes as mais inuteis e que ha muito deviam ter sido postas de lado pelos crentes.

Tenho a convicção intima que os proprios que as fazem e cumprem estariam de acordo commigo se por acaso eu aqui me podesse alongar, o que não faço para não roubar espaço a este jornal de pequeno formato, ou me fosse possível com elles pessoalmente trocar impressões. Seria este ultimo o meio mais viavel e persuasivo.

As promessas são differentes, como differentes as religiões professadas no

pequeno globo que habitamos, e dentro da mesma religião de terra para terra variam com a instrução e educação do povo. Por ellas se concluem estas.

As promessas em dinheiro, metaes e pedras preciosas, objectos artisticos estimativos, o equivalente ao peso das pessoas em trigo, centeio, etc., tem, embora pequena, uma certa utilidade, quando o seu producto seja bem applicado.

Outras, como o vir descalço á festividade, de joelhos alguns kilometros, acompanhar as procissões de joelhos, dar voltas interior e exteriormente ás egrejas, etc., denotam o atraso mental d'um povo, caracterizam o seu estado intellectual, os seus educadores e dirigentes.

O vir descalço, dir-me-hão, representa um beneficio para o penitente! esse beneficio deve ser a economia, tão necessaria aos povos; não contesto.

O romper as calças nos joelhos e por vezés as ceroulas, a ponta das botas; as saias e camisas das mulheres; as carnes d'uns e d'outras rojando pelo chão, molestando-se, ensanguentando-se, empoeirando-se desde a extremidade dos membros inferiores até á ponta da raiz dos cabelos; pondo em movimento esse poeiredo infecto dos arraias, aspirando-o em grande quantidade, é d'um gosto verdadeiramente extravagante, d'uma escassez de conhecimentos physicos e hygienicos completa, d'um fanatismo... a que devemos pôr termo.

Ponde, cidadãos, esses espectaculos de lado por inúteis e que em nada vos dignificam; conservae as vossas crenças religiosas, se assim o entenderdes, mas, pelo amor do vosso Deus, não vos sacrifiqueis tanto que elle, sendo bom como não duvidaes, não vo-lo exige.

Diz-me aqui um velho amigo do lado, muito de mansinho, ao ouvido, incomodado por vos ver assim soffrer, que o governo devia prohibir o cumprimento de taes promessas em nome do progresso e da civilização. Não; eu não concordei nem concordo com elle, embora veja uma certa vantagem no que elle pretende.

Com prohibição tollia-se um direito sagrado e eu sou um amante da liberdade individual, desde que ella não vá prejudicar os outros cidadãos.

Sim; vós tendes o direito de rasgardes vossos fatos que tanto vos custaram a adquirir, de esfacerar vossas carnes nas pedras das estradas e da calçada, no ladrilho das egrejas; mas repara e pensae maduramente n'isto; para vosso sacrificio, e já não é pequeno, basta o terdes de trabalhar de manhã á noite, expostos ao sol abrazador, ao vento, á chuva importuna, ao rigor do tempo para ganhardes o sustento, quantas vezes diminuto, para vós, vossos filhos e peitos queridas. Eu não desejo a prohibição mas sim a formação de todos vós.

Pensae n'isto; e se não concordades connigo, continuae o vosso caminho que eu julgo não ser o melhor.

As opiniões foram e são em todos os tempos bem diversas e senão concordades com a minha ficae tranquilos com a vossa que eu hoje por aqui me ficarei tambem.

Lomba da Casa, 2-9-912.

Manuel Domingos Godinho

## MODESTIA

Do nosso collega «O Povo de Porto de Moz» transcrevemos o seguinte «echo»:

O director do «Radical» como não quer que os seus creditos possam ir parar a mãos alheias, faz no ultimo numero do seu jornal grande reclame ao seu nome, á sua intelligencia, á sua litteratura, á sua influencia politica e ao seu diploma de deputado.

Não era preciso ter tanto incommodo, porque todos nós sabemos quanto sua excellencia vale como litterato e como deputado por Leiria. Não é ahí para qualquer mediocre intellectual conseguir ser radical na imprensa e conservador no parlamento.

— Como suas «reverencias» do *Radical* se dignaram retirar-nos a permuta, não obstante terem sido elles que no la pediram, não lemos o tal «reclame» que «O Povo de Porto de Moz» tão sensatamente vem mettendo a redículo, pelo que não tardará que deixe de ter esse trabalho, porque, quando menos o espere, os homens suspendem-lhe a remessa do seu «fradesco canudo»...

Tenha o collega cuidadinho com a lingua, senão «O Radical», a quem falta a coragem para discutir publicamente com os seus adversarios, corta-lhe o fio ao... jornal! Aquellas intelligencias são assim...

## ATROPELAMENTO

Decididamente, a camara municipal de Figueiró é uma terra de pretos. Desde que a actual commissão da presidencia do sr. Serra tomou conta dos negocios do municipio, tudo caminha á matroca e não ha avisos, censuras ou pedidos que levem a commissão administrativa a entrar e fazer entrar isto nos eixos!

Nunca mais se caiu uma casa das muitas que para ahí apresentam um aspecto miseravel e indecente, imprimindo na configuração geral da povoação a tristeza e a repugnancia proprias da immundicie!

Tudo o que não for a abaixa politica de campanario, não merece a attenção do sr. Serra e dos seus conspicuos collegas.

Pelas ruas da villa o lixo é aos montes; illuminação publica é o que se sabe, uma verdadeira vergonha, e a toda a hora do dia vagueiam pelas vias publicas as diversas especies dos animaes domesticos, taes como gallinhas, patos, porcos, etc., alem de uma infinidade de cães que a administração do concelho não procura abater, não obstante lhe não serem pedidas as respectivas licenças.

E, como se tudo isto ainda fôra pouco, é «vulgaris» de Lyneu ver á solta, em francas correrias, as muars do vereador João Luiz Junior a caminho da fonte publica para saciar a sede e tambem para pôrem em risco a vida de algum transeunte descuidado...

O zelador municipal não toma providencias, porque a camara, em vez de elogiar lo pelo seu serviço, ainda o admoestava, cerceando lhe a parte da multa que lhe compete! De modo que, com o exemplo dado pelos srs. vereadores, qualquer individuo abandona nas ruas as suas cavalhadas, resultando, de quando em vez, lamentaveis atropelamentos. Assim, aconteceu que na quinta feira ultima, uma fihinha do sr. Antonio Simões d'Almeida, d'esta villa, de nome Maria da Piedade foi atropelada por um animal pertencente a José Simões Ferreira, d'Aldeia d'Anna d'Aviz, do que resultou ficar muito contusa e, só por accaso não ter morrido.

Tudo porque se não tomam as necessarias providencias, para obstar a estes inconvenientes, que são tanto mais lamentaveis quão priminosa é a incuria dos que têm a seu cargo a vigilancia publica.

## Grandes festejos em Arega nos dias 4 e 5 de outubro proximo

O povo republicano da freguesia de Arega, querendo festejar, deslumbrante e ruidosamente, o 2.º anniversario da proclamação da Republica Portuguesa, abriu por intermedio d'uma Commissão ultimamente eleita, uma subscrição que já conta as seguintes offertas:

Transporte....	71\$840
Antonio Fernandes de Sousa Ribeiro.....	1\$000
Antonio Lopes.....	1\$000
João Vaz de Oliveira....	500
Antonio Dias Lopes.....	500
Sebastião da Silva.....	500
Orlando da Graça.....	300
Carlos Rodrigues.....	200
Somma reis....	75\$840

Esteve n'esta villa, retirando hontem para Cabaços, sua terra natal, o nosso amigo José Pinto Henriques de Carvalho representante da papelaria Central, do Porto.

## Padre Manuel dos Reis Mattos

Na sua residência de Campello, falleceu no dia 9 do corrente, pela 1 hora, este sacerdote que durante bastantes annos parochiou a freguezia de Campello, sua terra natal, onde era muito estimado. O extinto, que contava apenas 36 annos de idade, succumbiu aos estragos da tuberculose pulmonar e era filho de João dos Reis Mattos, e de Maria da Conceição Mattos, ambos já fallecidos. Consta-nos que deixou testamento.

A sua familia os nossos pesames.

Estiveram n'esta villa os nossos amigos e assignantes srs. Domingos Fernandes de Carvalho, importante commerciante na Castanheira de Pera; Manuel Simões d'Abreu, da Varzea Redonda; Domingos Antonio David, da Lameira, e Victorino dos Santos, de Arega.

## Joaquim Miguel de Carvalho

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa D. Adelaide Paiva de Carvalho, saiu hontem para Coimbra o nosso amigo sr. Joaquim Miguel de Carvalho, presidente do Centro Dr. Afonso Costa.

Encontra-se doente, aguardando o leito, o nosso prezado amigo e assignante, sr. Antonio Rodrigues, habil aspirante de finanças neste concelho. Desejamos o seu prompto restabelecimento.

## Mario Guimarães Cid das Neves e Castro

Partiu no ultimo sabbado, para S. Jean de Luz, fazendo-se acompanhar de sua mãe, esposa e filho, este nosso particular amigo, advogado n'esta comarca. Feliz viagem.

Seguiu hoje para Lisboa, embarcando no dia 19 para Manaus, o nosso amigo sr. Casimiro Antunes Fernandes Barata, de Pedrogam Pequeno. Boa viagem.

## NOTAS ALEGRES

### Regatas & serenatas...

O sol, semelhando um grande queijo flamengo, ia a pouco e pouco sendo devorado pelo infinito do poente e a lua, surgindo magicamente por traz dos elevados cerros, mostrava a sua face branca da palidez das estericas, despedindo-se do seu cruel inimigo o astro rei. Nas margens do rio, os burros ornejavam pela ceia, porcos grunham e os sapos cantavam uma melopeia monotona em trez notas a que as rãs respondiam em côro, no seu coaxar extridente.

Rio acima, por entre as penedias das margens e evitando com cuidado os penhascos que emergiam da agua semelhando dentes de monstros, o velho barco dos «pescadores» seguia lentamente, admirado de transportar as respeitaveis madres e os conspicuos frades, a quem o intenso calor da noite convidava áquelle passeio.

Frei Texugo e frei Masmarro, remando desastradamente, faziam flu tuar a velha embarcação, onde, á pôpa, a madre abadessa, rodeada das freiras e educandas da ordem, espia o seu aborrecimento habitual, ouvindo frei Pedante que, com ares fataes, voz sentimental e ademanes estudados, recitava a formosa elegia do nosso primeiro lyrico:

«Foi-se pouco e pouco amortecendo  
A luz que n'esta vida me guiava...»  
As educandas, a quem a tristeza dos versos repugnava, cochichavam umas com as outras, em rizinhos de troça.

— Meu coração, dizia uma, já ouviste choradeira semelhante?!

— Eu não, e o peor é que não percebo nada, respondeu outra.

Aquillo deve ser coisa de Coimbra, onde parece que todos os rapazes se tornaram «choramingas». Ainda se elle fallasse da nossa formozura, se dissesse que nos amava...

— Isso diz elle, interrompeu a primeira, o que elle quer é chuchar pão de ló...

Madre Escorropicha, que seguira com attenção o colloquio, disse tambem:

— Por mais que me digam, o frade pio está com fraqueza, era bom que lhe dessem um copinho...

As educandas, ouvindo a proposta da madre Escorropicha, deram uma gargalhada de troça e calaram-se, enquanto o «vate» continuou, com voz cada vez mais piega, a elegia começada, o que fez abrir por duas ou trez vezes a bocca da madre Desiludida, que desafiou o seu enfado da maneira seguinte:

— Parece o de profundis!...

Frei Trabuco, pouco afeito a sentimentalismos, berrou do seu logar:

— Irra, seu fradepio! acabe lá com a choradeira! Se precisa de mamar, vá ter com a sua mãe!...

Esta sahida do bom masmarro provocou grande hilaridade no grupo, o que obrigou frei Pedante a calar-se e, com elle, todos os demais.

— Os pobres gericos, esperando em vão a ceia ornejaram de novo, o que zangou sobremaneira frei Trabuco que, n'um impeto de colera, exclamou:

Isto é demais! trouxeram para aqui aquellas bestas, só para que me arredadassem! Esperem que eu já lhes canto, e ornejou tão valentemente que os seus irmãos das margens se calaram, como que envergonhados!...

Soror Noitibó, a boa abadessa a quem o recitar plangente de frei Pedante causava somno e que queria adeantar uma somneca á conta do resto, disse lhe meigamente:

— Vá lá agora uma das suas ao seu amorsinho.

Frei Pedante tomou de novo os seus modos affectados e os seus ares fataes e começou:

«Aquellas rozas brancas por entre os cypristes  
Semelham minhas queixas e meus sentidos ais!»

— Fôra, fôra! berraram todos em coro. Nada de tristezas, viva a pandi ga!...

O reverendo frei Pandal, que n'essa noite se achava satisfeito, aventou então:

— E se nós jogassemos o «padre cura?»...  
— Valeu, valeu; bravo, berraram as educandas!

— Mas hade haver prendas novas...  
— O primeiro que perder, disse frei Pedante, hade fazer um outeiro. E o jogo começou.

— Mentas tu!... onde estava tu?...  
— Perdeu, frei Pardal, disse a madre Desilludida, vamos é cumprir a prenda.

— Madre Noitibó, dá lá o mote. E frei Pratilheiro puxa da viola, que as glosas devem se cantadas.

Frei Pratilheiro trinou o «fado dos padeiros» e a abadesa, pondo os olhos... na lua disse dengosamente:

«Eu vivo ha mais de trinta annos!»  
— Vá seu frei Pardal venha a glosa! Sua paternidade tossiu, e com voz esgançada glosou da seguinte maneira:

«Suspira o meu coração  
Pelos teus dentes maganos (!)  
E desta grande paixão  
Eu vivo ha mais de trint'annos!...»

— Bravo! Bravo! Glose agora, frei Trabuco.

Frei Trabuco, vendo se interpelado, começou cantando desafinadamente a seguinte quadra:

«Eu ja vendi «burrié»  
E negocieei em guanos...  
No jornal faço banzé  
E vivo ha mais de trint'annos.»

Frei Texugo, querendo mostrar o seu estro,olveu logo:

«Os versos são para os manos  
Pois só com «contas» m'entendo  
E de «ruas» ir varrendo...»  
Eu vivo ha mais de trint'annos!...»

Esta quadra poz termo ao certamen poetico e por unanimidade se resolveu fazer uma regata que seria disputada por frei Trabuco, frei Texugo e frei Masmarro.

Desembarcadas as freiras, os nossos tres marmos tomaram logar em tres pequenos barcos e a regata começou com grande desaire para frei Masmarro, que tomou um banho forçado e para frei Texugo que, por mais que quizesse, não poude fazer mover o seu, do que resultou frei Trabuco ficar vencedor e ser recompensado com uma coroa entrecida de restas de cebolas e ornada de flores de cardo e d'um laço de papel que imitava muito bem um par de orelhas asininas...

Acabadas as regatas, as freiras e noviças recolheram a quarteis e suas reverencias, um pouco esquentados pelo rôxo, continuaram a pandiga na praia, rebolando se em cuecas, tudo acompanhado pelos burros, que continuamente, implacavelmente, ornejavam n'um grande riso de troça pela intemperança dos marmos abraçados aos cangirões!...

Alpho

Depois de terem passado alguns dias com sua familia na freguezia da Graça, retiraram para Lisboa no fim da preterita semana, os nossos amigos e correligionarios srs. José Coelho da Silva e José Francisco e seu filho Joaquim Francisco David.

### Um assignante engraçado

Um assignante engraçado declaranos que se fôr n'ettido na collecção dos sonetos que em outro logar publicamos, não pagará a assignatura da «União».

Temos a responder que não sabemos quem é o assignante que assim se nos dirige, mas quando, se receber na administração a recusa da sua assignatura, o ficaremos conhecendo, para ter em attenção o seu pedido...

Tem realmente muita graça o assignante engraçado.

Retirou para Lisboa, o nosso amigo José Andrade, representante da Casa Manique & C., d'aqueella cidade.

## PEDROGAM GRANDE

Ha quasi dois annos, com bastante orgulho o dizemos, que a Republica foi proclamada e que as suas leis são respeitadas em todas as terras do paiz, excepto em Pedrogam Grande.

Os republicanos, que tanto trabalharam pela nossa santa Republica, estão sendo todos os dias perseguidos por uns rafeiros que, escondidos debaixo d'um banco ou d'uma meza, se aproveitam d'estes esconderijos para á passagem d'uma pessoa deitarem o focinho de fóra e fazerem béu... béu... mas logo se escondem com medo d'uma... sova.

O administrador do concelho, um reaccionario de marca «Frei Séca Pipas», é o mesmo que era no tempo da defuncta monarchia. Comette as maiores illegalidades que um administrador pode commetter.

Acompanha os enterros de véla na mão. Vai todos os domingos á missa, ficando quasi agarrado ao bordão de S. José. Ajuda o padre a cantar, quando ha um sacramento. É irmão da irmandade do S. Martinho. Visita todos os dias a capella de Nossa Senhora da Bolarenta, levando o sino ao pino.

Em compensação, quasi todos os dias se encontra ás 11 e 12 horas a administração do concelho fechada.

A noite costuma visitar o club *Kagados Assentados, Botoques e Companhia*, cantando ali duas quadras ao som do órgão que se costuma tocar.

Este órgão é composto por meia duzia de garotos, que medem meio palmo de perna, por um palmo de costas e que pezam a média de meio kilo...

São estes garotos que, agarrados á labita do administrador do concelho, offendem uns e outros e que quasi todas as noites dão tiros na Praça da Republica sem a previa licença.

Podiamos pedir ao sr. administrador providencias, mas é escusado cançarmo-nos, porque diz-se que tão bom é o pae como o filho...

Srs. administrador e gigantes, mais cautelinha e até para a semana.

R. M. C.

A fazer uso de banhos encontram se na Figueira da Foz os nossos amigos e assignantes srs. Manuel Diniz de Carvalho e filho, de Alagoa; Januario Dias Coelho e Abilio Dias de Carvalho, das Varzeas.

Estiveram na nossa redação os srs. Manuel Antunes Morgado, dos Molleiros, e José Lopes d'Almeida, da Balsa.

### Carlos Affonso

Comprimntámos n'esta villa, onde veio no exercicio das suas funcções d'ns pector da Companhia Singer, o nosso amigo sr. Carlos Affonso, de Leiria.

A tratar dos seus negocios encontra se ha dias na capital o nosso amigo sr. Joaquim Ferreira, importante commerciante e proprietario n'esta villa.

# A sacra ordem araujana

Primeira parte

## Trabuco, Texugo & Ameixas

II

### Trindade diabolica (1)

Quirando o Demo mostrar novos povores  
E que milagres faz no triste Averno,  
Tendo até mais poder que o Deus Eterno  
Como supremo rei dos seus calores;

Pensou em dar á luz tres estupóres  
Que honrassem na terra o lar paterno,  
Arrebanhando as almas p'ro inferno,  
Creando assim ao mundo mais horrores,

E submete do fogo aos tormentos  
No caldeirão do Averno um «pardal»,  
Que logo ali expira em duras queixas.

Remexe Lucifer alguns momentos  
E tira da caldeira infernal  
Um Trabuco, um Texugo e um Ameixas!...

III

### O impossível

O ser um jesuita o frei Doguras,  
Almocreve das Petas intrujão,  
Não farta-se o Trombone de leitão,  
Nem deixar o Texugo as «varreduras»...

Ser um bello «capacho» e frei Aluras,  
Qual Ameixas - Pintado - Pacatão,  
Quebrar o Pratilheiro o violão,  
O Masmarro metter-se em aventuras...

Ser o Pardal um poco de maldade,  
O Cento e Dez um louco furibundo,  
Não deixar o Aplomb de ser maluco...

— Tudo isto é possível e verdade:  
Só o que é impossível n'este mundo,  
É deixar de dar coices o Trabuco!...

IV

### O que foi como esbirro

Quando foi do convento «guardião»  
Tornou-se um bom patife este farcante,  
Tendo ao lado o irmão por «ajudante»,  
Não menos mariola, audaz, vilão!

Abusou dos poderes que tinha então,  
A todos dando coices arrogante;  
Até homens honestos o lunante  
Prendeu, como fez ao Carvalhão.

E julgando que estava em Rilhafoles  
Ameaçava o ceu com os trazeiros,  
Quirando beber o war em quatro goles!

Um frade foste sempre dos matreiros,  
Sendo apenas um pobre «Zé Quitoles»  
Mas, contudo, dos mais patoniacreiros!...

(1) Já publicado no numero 68

V

### Nobre, rico, tolo e... burro

Tem a monomania da riqueza,  
Não passando d'um triste pobretão  
Que da fortuna tem a presumpção  
E da cruel miseria a avareza...

Sonha co'o sangue azul da realza,  
Quando é tão vil como qualquer vilão  
Que descenda de humilde geração  
Sem a mais leve sombra de nobreza.

Tem o «caco» d'areia té ao cruto,  
Em vez de miofeira sa e forte,  
E é da asneira vil um tal producto

Que digo que lhe mais valera a morte  
Tendo, como tem, o grande bruto,  
D'andar co'as mãos no chão a negra sorte!...

VI

### Ainda ladra...

D'insultar-me tiveste a ousadia  
Em «prosa arreieral» de charlatão  
Que escrevinhaste p'ro «Camaleão»,  
Para medo metter-me, ou arrelia...

Eu sei que és «valente» em cobardia,  
Não passas d'um ridiculo «papão»;  
Pois todos sabem que és um cobardão,  
Bos que andam fugidos noite e dia!...

E já que me vieste ameaçar,  
Quero dizer-te aqui serenamente  
Que por medo ninguem me faz calar:

Não sejas malcreado e imprudente,  
Que tenho ouvido muito cão ladrar  
Mas ainda nenhum me ferrou dente!

VII

### A psychologia do bicho

Que tens no coração a vil peçonha,  
O figado dos tigres, dos chacacs,  
Eu sei bem tudo isso, e ainda mais  
Que és um miseravel sem vergonha!

Sei que tens da raposa a vesga ronaa:  
Se não tiveras poderes os queixaes,  
Serias o mais feroz dos animaes,  
Como se vê da tua carantinha...

E como já não podes fazer mal,  
Que nem pra isso tens merecimentos,  
Serves então de «bôbo» no jornal.

Zurrando como zurram os jumentos,  
Como elles aos coices tal e qual,  
Vae ás porcas fazendo repurmentos!...

Alsipi.

De passagem para Castro Daire onde exerce o seu negocio esteve n'esta villa o nosso assignante sr. Adriano Rodrigues Costa, do Troviscal.

Do Bussaco regressou com s. ex.<sup>ma</sup> esposa e filhos o sr. Joaquim Antunes Ayres Buraca, escrivão notario n'esta comarca.

De visita a sua familia encontra se nas Varzeas o nosso estimado assignante sr. João Coelho da Fonseca, divisor dos correios em Lisboa.

### FORJA

Vende-se com varias ferramentas, incluindo folle, ligorna e tornos. Maria da Conceição, viuva de Manuel Simões Serralheiro.

MACHINAS SINGER

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAS

A ROUPA QUE VESTE A HUMANIDADE FOI COSIDA COM A MACHINA SINGER



A SUPREMACIA DA MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER

as qua se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

SINGER "66,"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇAMENTOS PODEM SER DE UTILIDADE PRATICA



Estabelecimentos SINGER em todas as cidades de mundo



Agente em Figueiró JOSÉ ANDRÉ BERLINDA

AGENTE EM FIGUEIRO JOSÉ ANDRÉ BERLINDA

José Albanoel Godinho

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Casa depositaria da Companhia dos Tabacos de Portugal

Agencia de vendas nos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Deposito de Phosphoros

CORRESPONDENTE:

do Banco Commercial de Lisboa  
» Nacional Ultramarino  
» Alliança do Porto  
» Economia Portugueza do Minho  
» Lisboa & Açores e das

CASAS BANCARIAS:

Credit Franco-Portugais  
José Henriques Totta & C.<sup>a</sup> Lisboa  
Silva, Beirão, Pinto & C.<sup>a</sup>  
J. M. Fern. Guimarães & C.<sup>a</sup> Porto  
Pinto da Fonseca & Irmão  
Borges & Irmão

Cobrança de letras e saques sobre todas as terras do paiz.  
Paga saques d'Africa, Brazil, America do Norte, etc.  
Desconta cheques sobre todas as praças estrangeiras.

Compra libras, ouro portuguez, notas e dinheiro de paizes estrangeiros.

Compra e venda de titulos da divida publica, acções e obrigações de Bancos e Companhias.

INFORMAÇÕES



Agencia de Seguros contra Fogo

Effectuam-se seguros sobre predios, Fabricas, Estabelecimentos, Mobílias, Cereaes, Cortiça, Arvoredo, etc.

ATENÇÃO

Antonio Alves Callado, agente de varias Companhias, taes como Garantia do Porto, Portugal Previdente, de Lisboa nas que se encarrega de fazer todos os seguros de vida terrestre, sendo tambem agente da acreditada Companhia de Machinas Singer, cujas machinas vende a prestações e a prompto pagamento com grandes descontos, bem como vende todas as peças soltas, oleo e agulhas encarregando-se de todos os concertos nas mesmas. Igualmente vende cofres a prova de fogo, fogões, camas de ferro e de madeira e outros moveis.

CASTANHEIRA DE PERA

VENDE-SE

Madeira de Castanho, tirantes para Parreiras e tirantes para Casas e cama de ferro.

Quem pretender dirija-se a

João dos Santos Abreu

Quinta das Lameiras

FIGUEIRO DOS VINHOS

Na villa de Pedrogam Grande

Grande deposito de adubos chimicos para todas as sementeiras

o maior deposito na região do Zezere

Vendas por atacado e a retalho.

Aos revendedores, preço da fabrica

Estes adubos são da mais antiga e acreditada fabrica- HENRY BACHOF-FEN & C.<sup>a</sup> - Lisboa, a quem os srs. consumidores podem dirigir os seus pedidos, ou ao depositario - com vendas exclusivas nos Concelhos de Pedrogam Grande, Figueiró e Certã.

MANUEL RODRIGUES

Largo do Adro

PEDROGAM GRANDE

O BARATEIRO DO POVO



Chapeus. Acabam de chegar os ultimos modelos.

Guarda-soes e sombrinhas, gravatas, punhos e collarinhos.

Enorme sortido.

CAMISARIA. Chegou o que ha de mais chic em zephires e engomadas

Grande variedade de tecidos em que é sem duvida o que mais barato vende e o que maior sortido tem.

Para inverno e verão.

Tripa Amburgueza

Nova de 1.<sup>a</sup> qualidade. Preços para revender Pedidos a esta casa

Quereis tomar bom café?

A titulo de experiencia compraes uma pequena porção do que se vende n'este estabelecimento, e assim vos certificareis da verdade.

Kilo 800 reis

CONSERVAS DE ESPINHO

Ha grande sortido d'estas maravilhosas conservas de todas as qualidades.



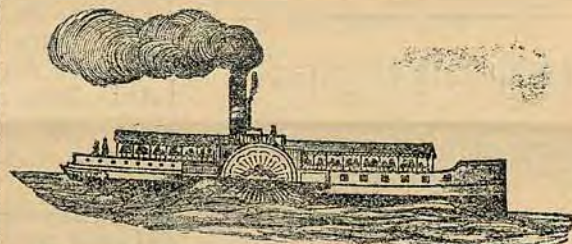
Calçado de feltro, chancas e tamancos para homem, senhora e creanças.

Camisollas, cobertores e peugas de lã.

Tapetes e diversos artigos, etc.

AGENTE DA

Companhia Indemnizadora



Sociedade anonyma - Responsabilidade limitada

CAPITAL SOCIAL: Rs. 1.000.000.000

REALISADO: Rs. 100.000.000

Seguros maritimos e terrestres  
Rua do Mousinho da Silveira 12 a 16  
PORTO

NINGUEM COMPRE SEM PRIMEIRO EXAMINAR OS PREÇOS D'ESTA CASA

O proprietario, JOSÉ MIGUEL FERNANDES DAVID

FIGUEIRO DOS VINHOS